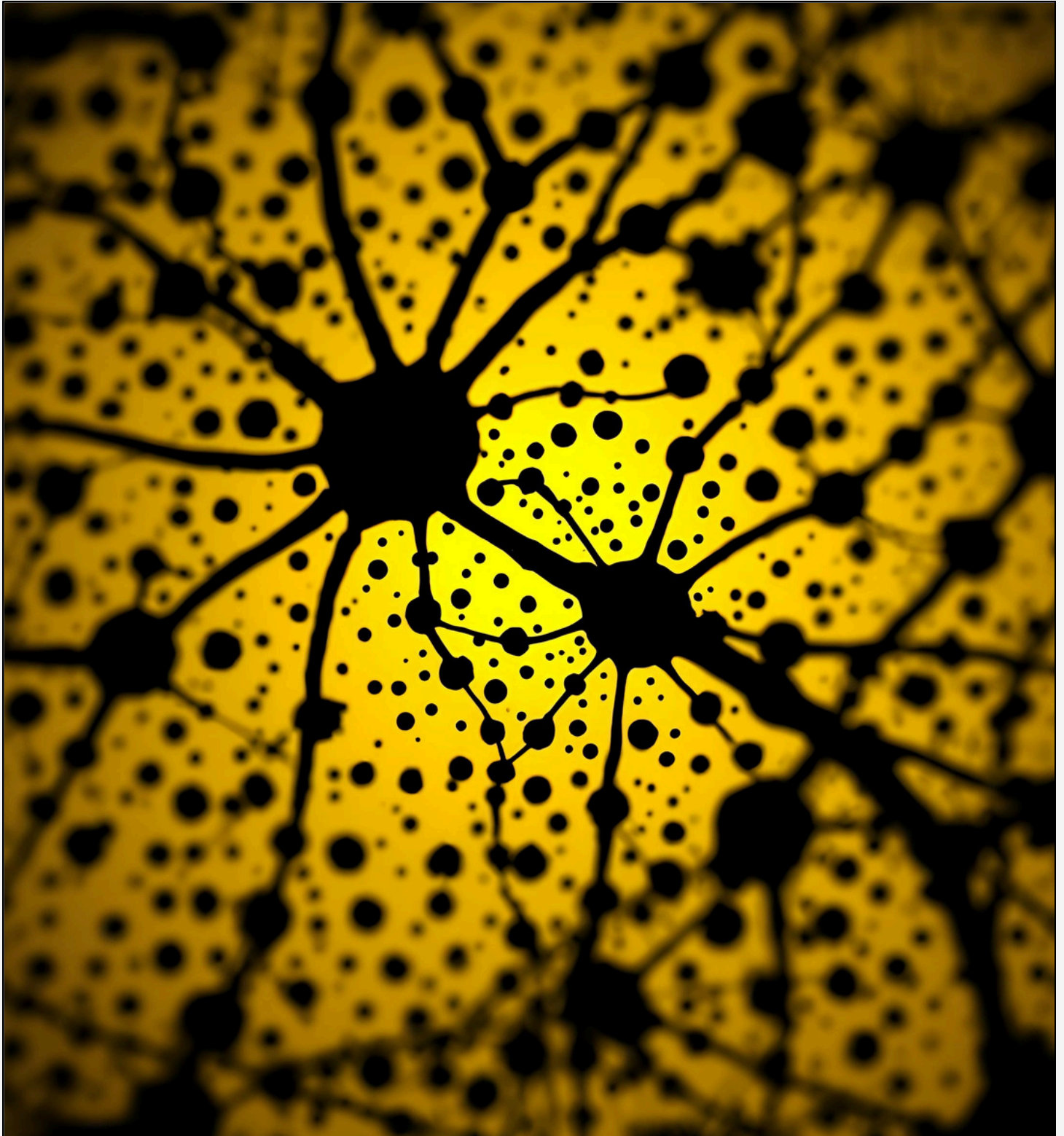




MAGNETICA

REVISTA DIGITAL

EDIÇÃO 11 | NOV. 25



Manifesto

Altura, abertura e profundidade

MAGNÉTICA é uma plataforma para a criação, produção, editoração e divulgação de textos escritos pelos seus participantes. Textos com a gravidade, a luz, o ritmo - o fluxo da mente, do espírito - de quem com ela quiser seguir.

O foco é o ato de escrever como meditação ativa e criadora, a experiência do instante como expansão, extensão do pensamento: que as frases, temas e ideias se façam como o meio, e o fim seja tecido de si mesmo nos muitos caminhos e formas de cada um.

E que não se invista na trama do que contrai, do que repele, do que reduz, do que falseia; do que distorce, do que separa, do que condena. Nenhum símbolo do que não é deve aqui ser ampliado.

OS ATRAÍDOS

Meu nome é Eliana, com A no final, se não quiser confundir, pode me chamar de Eli. Tenho 56 anos, uma filha e três gatos. Magnética, o que me atrai são as cores, as artes, boa comida, bons amigos, viagens. Me causam repulsa a desigualdade, as injustiças, as coisas mal feitas, o cheiro do ralo e baratas.



Sou Mario. Sem acento no "a", mas aceito se você o colocar. Tenho 56 anos. Geminiano com ascendente em Capricórnio. Não acredito em horóscopo, mas me divirto. Magnético, sou atraído por todo tipo de conhecimento e novas linguagens. Repilo a injustiça, a desonestidade e todo um espectro de escatologias.



Sou Paula Bessa. Cinquenta anos em janeiro... capricorniana. E, talvez por isso, brava, teimosa e rígida à beça. Recentemente, descobri o quanto os dois "esses" do meu nome suavizam meu caminho. Gosto das possibilidades das curvas acentuadas que esses dois circuitos lado a lado me oferecem. Magnética, adoro o tempo das reticências e de contar detalhadamente uma história. Então, estranho quem diz "texto muito longo"... me parece sempre, no mínimo, curioso.



Meu nome é Ana Maria Malik. Filha de imigrantes da Europa do Leste, minha mãe tinha ficado orgulhosíssima de me dar um nome tão brasileiro. Na verdade, latino. Que inspirou músicas e poemas. Setentinha, mas ainda brigo com o espelho, pois aquela me olha de manhã não sou eu (depois, como sou resiliente, me acostumo). Geminiana, adoro palavras e músicas. Magnética, adoro conviver com gente. E sou reconhecida por isso. O que me revolta é a desigualdade. Nunca a diversidade.



Meu nome é Renato. Tenho 63 anos e já nasci algumas vezes nesta vida - daí o nome. Magnético, sinto atração por coisas secas: substantivos, desertos, estradas de terra e uva passa. Sinto repulsão por coisas gosmentas: diminutivos, quiabo, jaca, lesma e o Alien ao nascer.



Meu nome é Sérvio, Sérvio Túlio, com 'v'. Não 'g'. 'V'... sim, com 'v' mesmo. Não foi erro no cartório, nem pais criativos, mas o avô que ensinava latim. Tenho 54 anos. Magnético, me atrai o rigor do que inclui, do que explica, do que conecta; a linguagem, as gramáticas, as equações. Tenho repulsa regurgitante a tudo que na frase "na prática a teoria é outra" pode estar implícito, oculto ou atolado.



OS IMANTADOS

Meu nome é Renata. Tenho 64 anos. Daqui a três anos, me aposento e mudo de fase. O que mais me anima é não precisar ir ao mesmo lugar, na mesma hora, todos dias. Sou curiosa, perguntadeira, mais assertiva do que brava (não dá para agradar a todos). Não lido nada bem com a hipocrisia. Fiquei feliz pelo convite para participar desta edição.



Guilherme, muito prazer. Mas qual Guilherme? Sou tantos, incluindo o imigrante cujo nome ninguém consegue dizer. Se penso que passei a vida ridicularizando quem acredita em horóscopo, definir-me como sagitariano me soa divertidamente rebelde e maliciosamente libertador. Magnetizam-me a música, a literatura e toda forma de hibridez, tão bem sintetizada em meu signo. O que me repele são os pensamentos dogmáticos, o antropocentrismo e a ideia de pureza.



ÍNDICE

A CONTEMPLAÇÃO DA LEMBRANÇA Renata Hernandes	07
A CANOA E O CALEIDOSCÓPIO Guilherme Arruda Aranha	10
FOTO DE FAMÍLIA Renato Guimarães Ferreira	13
A HISTÓRIA É MINHA PAIXÃO Sérvio Túlio Prado Jr.	16
THE WAY WE WERE Ana Maria Malik	19
QUANTAS MEMÓRIAS CABEM NUMA GAIOLA Eliana Bianco	22
O VERÃO QUENTE DO VAUXHALL VIVA Mario Aquino	25

A CONTEMPLAÇÃO DA LEMBRANÇA

Pronto!

Já é noite e tudo está em ordem.

Sentada no sofá de dois lugares, o primeiro que não foi comprado para, e pelo, bando da república, comecei a dedilhar pensamentos de cada passo dado me perguntando como cheguei até aqui.

Uma manhã de domingo de 1985 ou 1986? Não sei, lembranças se perdem na memória entre anos, meses e séculos. Deixa quieto. Desse ponto em diante, ao anoitecer, tinha acabado de colocar o meu 'apezinho' em pé, na Alameda Ribeirão Preto.

Era uma quitinete ou kitnet minúscula, alugada, mas toda minha. Chegou, enfim, o momento de descer do beliche do quarto compartilhado com quatro pessoas, para ter um canto só MEU.

Sabe o que isso significa? Tudo e nada. Mas na época era o meu grito de independência.

O colchão no chão, um armário de duas portas com puxadores verdes, combinando com os pés das quatro banquetas, também verdes, compunham o jogo da sala de jantar.

O biombo dividia o espaço em dois ambientes – quarto e sala de estar; quarto e sala de jantar. Era a escala para projetar meus poucos e deliciosos metros quadrados da minha primeira moradia solo. Um luxo!

Tudo cabia naquele espaço tão desejado: recordações, sonhos, vazios, medos, amores, paz, desespero, esperança. Dali não escapava nada. Tudo vivido intensamente.

Foram nesses instantes de puro deleite que as lembranças vieram à tona. Comecei comigo aterrissando em São Paulo com 15 anos, para morar na casa dos meus tios e um primo. Uma família totalmente disfuncional. Mas foi o preço que tive que pagar para realizar o desejo de estudar na capital paulista.

No apartamento, eu não tinha uma cama somente para mim, muito menos um quarto.

O esquema era o seguinte: minha tia chegava pela manhã do jogo de cartas (era profissional) e se deitava na cama onde eu dormia até me levantar e ir para o colégio. Por sorte, havia uma sincronia latente na ocupação do espaço.

Quando eu ia dormir, ela já tinha se levantado e se preparado para mais uma noite de carteados, arriscando a sorte e o seu apartamento, que, mais tarde, foi usado para saldar uma dívida de jogo.

Foi quando, finalmente, passei a ter uma cama só para mim em uma pensão, onde dividiria o quarto com uma outra garota, ainda desconhecida. Ali eu só dormia; as refeições, fazia em outro lugar.

Era um progresso, mais que isso, um salto. Bom demais!

Pouco mais de um ano, a pensão fechou. Fui morar numa república com mais duas pessoas da minha cidade natal. No apartamento, estreei e me mantive por muito tempo dormindo na parte de cima do beliche, divagando e desenhando cenários de vida no teto sobre a minha cabeça.

Tudo estava indo muito bem. Muitas descobertas e experiências inusitadas. Uns porres homéricos pegaram a minha mãe de jeito quando fui descoberta. A consequência? Mudei de novo para mais uma pensão.

Ela achava que eu ficaria imune no endereço que escolheu. Quatro pessoas habitavam aquele quarto estreito, onde a porta mal abria para comportar dois guarda-roupas.

Ah! Voltei para o beliche, sempre na parte de cima. Era mais acolhedor e

garantia um pouco de exclusividade. Tudo se justifica.

E desse quarto de pensão, as quatro decidiram montar uma república. Segui em paz em mais um beliche.

Só que não sei bem como, nem por quê, tudo se desfez. Depois de mais algumas muitas mudanças de lugar, idas e vindas, fui, finalmente, parar no meu 'apezinho' da Alameda Ribeirão Preto, com um colchão no chão, bem longe do teto.

Agora, escrevendo, quase sinto o gosto da felicidade, satisfação, liberdade, daquele momento, sentada no sofá de dois lugares repassando a vida. Foi muito bom, era muito bom.

Saí daí para viver um ano em Paris, França. Voltei para o Brasil, São Paulo, e nunca mais vivi em uma república, nem mais dormi em um beliche.

'There are places I'll remember
All my life though some have changed
Some forever, not for better
Some have gone and some remain'
In my life, Beatles



Renata Hernandez

A CANOA E O CALEIDOSCÓPIO

“Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” minha mãe falou para o meu pai. Ele foi. Assumiu a canoa do meu avô e sumiu nas águas do rio. Minha mãe sofreu, mas aprendeu a dançar, o que é outra história. Meu pai agora está velho, as costas se curvam, as pernas lhe doem e ele já não sabe se as margens ficaram escuras ou se apenas os olhos o enganam. Coloco-o para dormir como ao filho que não tive. Na meia-luz do quarto seus olhos brilham como duas bolas de gude azuis. Cubro-lhe o corpo com carinho e ternura, apenas para ouvir sua voz rouca cair do galho mais alto como se fosse a última folha seca do outono: “Que foi? O que que cê tá olhando?”. Me comovo com sua rabugice inveterada e, ao me comover, o chão se abre, escorrego, deslizo, sou sugado por suas pupilas. Caio como Alice apenas para encontrá-lo no fundo do poço, enorme, meu pai. Ele estende os braços musculosos e me oferece um par de remos: “Sua herança, meu filho, pegue-a!” Um arrepio me gela a alma. Pulo para fora do poço como um gato selvagem. Desvio o olhar, finjo que estou arrumando a cortina e me aproximo da margem esquerda. Acabei de fazer dez anos. Ao meu lado, um homem de quarenta, com porte de goleiro e bigode nietzschiano, dirige seu fusca marrom pelas encostas do bairro. Suas bolas de gude azuis se concentram no trânsito à frente enquanto eu colo meus olhos em sua boca e o escuto com atenção: “Sabe, meu filho, estou feliz que você já tenha dez anos. Eu não gosto de crianças, nunca gostei, mas agora que você já é quase um homem podemos finalmente conversar sobre coisas que criancinhas não entendem”. Suas palavras giram em minha cabeça

como num caleidoscópio: criança, sabido, homem, feliz, quase, não gosto, filho, detesto, conversar, criancinhas, podemos, agora, nunca, agora, nunca, agora, agora, agora. Guardo-as como jamais guardei brinquedo algum. Não sei quanto tempo permaneço em silêncio. Trinta segundos? Trinta anos? Falo alguma bobagem sobre o jogo de futebol nosso time perdeu mais uma. Ele se anima e disserta sobre a burrice dos jogadores e a inépcia do técnico. Sob o cobertor, suas finas pernas me lembram um fóssil. Me comovo mais uma vez, no entanto me contenho: não caio, não escorrego, não me deixo ser sugado. Beijo-lhe a face enrugada, “Boa noite, pai”, apago a luz e me retiro. Vou dormir exausto. Sonho que transformo leite em pedras enquanto me equilibro numa canoa que se contorce como cobra corredeira abaixo. Um vulto alado, paciente e sem face, se aproxima. Me encolho de frio. “Não é frio”, ele me diz, “é medo”, e começa a jogar as pedras, uma por uma, de volta à margem esquerda. “Se olhares à direita”, o vulto cochicha, “avistarás a margem dos teus projetos; à esquerda, a margem das memórias; entre as duas, navegas no agora; podes olhar, e até aproximar-te mais de uma margem do que da outra, mas se ousares caminhar em terra firme, te perderás; e te afogarás se perderes de vista qualquer uma das duas margens.” Uma pergunta, então, se forma em minha cabeça: “Este rio em que navego”, sussurro inseguro e gaguejando, “é o rio de Nietzsche ou de Heráclito?” mas não há mais criatura nem resposta. Acordo. Suava frio na madrugada. Um ano depois daquele sonho conheci a mulher com quem me casei. Na manhã em que ela anunciou que trazia no ventre o nosso filho, um arrepio me gela a alma. Ao perceber em meu olhar um abismo, e no fundo do abismo um rio, ela temeu o pior. Achei que ia esbravejar, mas não: “Cê vai, ocê fique...”, cortei-lhe a frase ao meio: “Vou não. Eu fico. Quero aprender a dançar. Vamos juntos. That’s the way (I like it).”

PS: Dois dias antes de enviar meu conto para os meus colegas magnéticos comecei a ler “Ostra Feliz Não Faz Pérola”, de Rubem Alves, e me deparei com isso: caleidoscópio é a junção de três palavras gregas cujo significado é “vejo belas imagens”. As tais belas imagens são feitas com caquinhos de vidro, clipes, tachinhas e pedrinhas: tudo que dói quando entra no sapato ou na alma, como a areia que entra no corpo da ostra que vira pérola. Gostei da coincidência e vi a metáfora do calidoscópio girar mais um pouquinho dentro do meu conto.



Guilherme Arruda Aranha

FOTO DE FAMÍLIA

Estávamos todos lá, só meu pai não aparecia. Ele estava do outro lado, pedindo atenção “Olha o passarinho”! Todos sorriam, alguns com mais alegria do que outros, claramente entediados. Mas sorriam, pois meu pai não tirava a foto enquanto todos não o fizessem. Ele dizia que considerava um desperdício tirar fotos em que as pessoas ficavam sérias. Também não gostava de fotografar nada sem que houvesse uma pessoa aparecendo. Não há fotos de objetos ou paisagens nos álbuns da família.

“Olha o sorriso.... Vânia, para de mexer.” “É que o Ricardo está me beliscando.” “Renato, arruma a camisa; está torta. E arruma o cabelo também, que está parecendo ninho de rolinha.” “Mãiêêê..., cadê o pente?” Ele era metódico e cada foto demorava uma eternidade. Ajustava a máquina aqui, orientava a pose ali, começava tudo de novo porque algum comando estava errado na máquina que não conhecia tão bem. Caprichava, pois filmes eram caros e ele não podia ficar tentando, tirando inúmeras fotos. A foto tinha de dar certo de primeira.

Lá estavam minha avó, minha mãe e meus quatro irmãos. Todos com roupa de domingo, de tal maneira arrumados que pareciam a caminho da missa ou de um casamento. Era roupa de ver Deus, dizia minha avó. Eu ainda não usava calças compridas, estava de shorts, camisa e suspensório. Uma gravatinha de duas pontas, que nunca mais vi, completava o look – palavra que não utilizávamos então. Meu irmão usava calças compridas e camisa abotoada até em cima. Minhas duas irmãs mais velhas, apesar da diferença de idade, usavam roupas iguais, talvez só de cores diferentes. Não estou certo disso, pois a foto é em branco e preto. Minha irmã mais nova estava no colo da minha avó. Não tínhamos animais de estimação – se tivéssemos, não tenho dúvidas que também seriam convocados.

Estávamos em frente a uma casa bonita que não reconheço. Certamente era uma casa do bairro onde morava a gente mais rica e poderosa da cidade: fazendeiros, comerciantes, médicos, advogados, políticos. A gente que mandava no lugar. Na maior parte das vezes, não sabíamos exatamente de quem era a casa, pois meus pais não frequentavam aquele meio. Elas eram escolhidas pela beleza e imponência de suas fachadas e jardins, era de cenário que serviam. Meu pai e minha mãe torciam para não aparecer ninguém, mas se aparecia não havia problema. Apresentavam-se e explicavam os motivos que nos levaram até ali: “A casa é bonita, viemos tirar umas fotos”.

Geralmente fazíamos isso aos domingos, reunindo com barulho todo mundo que ia aos poucos entrando na Kombi do meu pai. Saíamos andando pelo bairro, caçando casas que ele julgava adequadas. Aproveitávamos o dia e o filme de 36 poses da Kodak tirando fotos para o álbum da família. Era uma foto aqui, outra na próxima quadra, na próxima, na próxima até o filme acabar. Na porta de cada casa, trocávamos de roupa, escolhendo entre as várias que levávamos para ir variando. Eram nossas melhores roupas, todas dobradas com cuidado e guardadas em uma mala grande e velha que colocávamos no porta-malas. Buscávamos não repetir as roupas, “para ficar mais bonito”, mas nem sempre era possível, pois ninguém tinha tanta roupa boa assim.

Se alguém estava triste, com dor de barriga ou qualquer outro perrengue, era melhor guardar para si – não havia espaço para isso. Caminhávamos de sorriso em sorriso, sob o comando do meu pai e os cuidados da minha mãe. Era importante manter o ritmo para que tudo acabasse antes de ficar insuportavelmente quente. Gente suada não sai bem em foto.

Quando o filme acabava e a fome apertava, voltamos para casa na Kombi que escorregava com o peso de tanta gente nas ruas de paralelepípedos

do bairro cheio de subidas e descidas. Em casa, comíamos o macarrão com molho da minha mãe, que nunca tinha ouvido falar de spaghetti al sugo, e tomávamos guaraná – afinal de contas, era domingo. Depois, todo mundo ia dar uma deitadinha pra descansar, porque ninguém era de ferro. Aquele sobe e desce da Kombi cansava muito.

Hoje, quando olho as fotos desses momentos que sobreviveram às traças e fungos, sinto-me dividido. Incomoda-me o cuidado com a encenação, que pouco refletia o que se passava quando a máquina era guardada. Mas me encanta o desejo que claramente se manifestava ali de se mostrar bem, feliz e em paz. Era uma aspiração genuína, que cada membro da família fervorosamente cultivava, cada um do seu jeito desajeitado. Cada foto era uma espécie de oração, um pedido aos céus.

Fixo-me em uma delas, de que gosto muito – há roseiras no jardim, samambaias penduradas nas paredes do alpendre ao fundo e esboços de sorrisos calmos. Ouço com nitidez a voz de meu pai ecoando atrás de mim: “Olha o passarinho”. Volto meus olhos para trás com rapidez e instintivamente me ponho a sorrir, mas ele já não está mais lá. Guardo o sorriso junto com a foto na caixa de papelão e me levanto para guardá-la no canto mais alto do velho armário da sala e da memória.

Renato Guimarães Ferreira



A HISTÓRIA É MINHA PAIXÃO

A história é minha paixão. Todo resto veio depois. Eu não lembro direito quando começou, mas em quase tudo que eu lembro, algo de história, de uma história desde sempre imaginada, está presente, como fundo, foco ou inspiração.

A exceção, claro, são as confusas primeiras imagens. O relógio da estação ferroviária de Campinas, que eu sempre imaginei estar atrás da primeira casa da qual me recordo. Eu estou num velocípede e viro de relance o pescoço e vejo o relógio. Meu pai está perto de mim. Sempre pensei ter imaginado tudo. Há pouco tempo, uma foto antiga me revelou o real ocorrido. Um passeio numa das paixões que tinha ele, os trens...

Numa outra memória, essa sim certamente imaginada, há o sofá escuro da casa flutuando numa oceânica inundação de angústia ao não reconhecer sempre esse mesmo pai no seu retorno de três meses de viagem a Brasília, lugar para onde, em pouco tempo, nos mudaríamos.

Há também Piracaia, acho. Corredores escuros, iluminados com o que deveria ser a luz de velas. Portas com grandes fechaduras de ferro na altura dos meus olhos e grandes chaves, muito antigas, também de ferro. Há, num outro lugar, em que meu pai e meu tio parecem negociar algo, um balcão de fórmica, de uma altitude olímpica, e uma barata igualmente gigantesca. Tudo ali sempre com muita noite e a mais escassa luz. Anos

depois, minha tia confirma o que poderia ter sido: meu bisavô morto, as providências para o seu enterro.

Na superquadra, descer para brincar. Sol, árvores. E cigarras, que com o meu companheiro de aventuras, Victor Hugo - Magnético já no batismo! - colecionávamos, não sei por que maneira ou causa. Nascimento da irmã, maternidade, primeira vez bebendo chá preto, bolacha Maizena. Corredor do apartamento, estante de aço cinza, o fascínio pela foto na capa de um livro, a torturante explicação sobre o que ela de fato retratava. Dois capacetes, a guerra. Absoluta em distância, a todo o tempo presente. Acervo, brinquedos, literatura.

E daí em diante, como eu já disse, é história... Lugares, coisas, pessoas, comida, o épico, o lúdico. Algumas referências, que hoje eu vejo pertinentes, serviam como um simples mosto para fermentações infinitamente mais criativas que meu pai conseguia criar. Roma, nossos nomes, o latim, os livros do meu avô, os quadrinhos do Astérix trazidos das viagens. As fortalezas nas praias, o Portugal navegante. Espadas, castros, lanças, armaduras. Até cercos e embutidos tiveram histórias próprias – havia as famosas “salsichas de Yorktown”!!! Como eu disse, eram famosas, mas não sei se alguém além de mim e da minha irmã jamais soube alguma vez delas... E cartas de corso e piratas, mapas do tesouro “grilados” com café e fósforos para assegurar sua veracidade. Entregues em partes, revelavam por fim o local secreto do ovo de Páscoa ou do presente de aniversário.

E então Enciclopédia Barsa. A navegação alfabética e, nela os exércitos, em uma única página verde, desde a antiguidade à guarda de Napoleão, já Imperador. E o xadrez, para o qual não se teve o tempo para que me fosse ensinado e que se deu um jeito para eu aprender ali. Os exércitos, o xadrez, e tudo mais que havia. Tudo mesmo. O que mais alguém precisaria para ser feliz? Talvez o Minotauro, a História do Mundo e o Dom Quixote para as

Crianças. Todos eles estiveram comigo por essa época.

Leituras mais ácidas, mais críticas, vieram depois, claro, no colégio e na faculdade. E depois, o diletantismo dos meus interesses específicos. Mas na essência, o mesmo padrão. Um fragmento factual, um sólido, uma referência ou fato qualquer e a imediata e química sublimação em nuvens da mais pura e multicromática fantasia.

É como se a minha mente fosse assim uma forma de bolo, de confeitaria. A forma em si tem uma estrutura metálica aceitável como real, resistente à alta temperatura do forno, mas a massa e os recheios são feitos de lembranças, mas lembranças que sequer são minhas, inventadas no momento, como as tantas e tamanhas histórias que meu pai contava.



Sérvio Túlio Prado Jr.

THE WAY WE WERE

The way we were (tradução literal, como éramos. Nome do filme em português, nosso amor de ontem).

Essa canção de Martin Hamlisch, no filme do mesmo nome, que ganhou Oscar de melhor trilha sonora original, começa com “Memories light the corners of my mind”, ou seja lembranças iluminam os cantos da minha mente. De novo, não são memórias, são lembranças. Minha memória tem muitas lacunas, eu lembro pouco do passado. Eu lembro das pessoas, às vezes dos seus nomes. Hoje ouvi que pessoas mais velhas têm muitas experiências, mas o problema é que nem sempre conseguem acessá-las corretamente nem quando gostaria.

Meu irmão tem razão, ele diz que no primário (acho que é o ensino fundamental) e no ginásio (estou aqui a ensinar em português arcaico o que se passava antes do aluno adentrar no atual ensino médio) os professores faziam chamada com o nome inteiro. Nunca pensei nisso, por que será? Será que isso fazia parte do currículo do curso normal (este eu sei, seu novo nome foi magistério, se ainda existir) e/ou da Pedagogia? Por isso, quando penso nas minhas e nos meus coleguinhas dessas priscas eras penso nos seus nomes completos. Às vezes, nome composto com sobrenome único e de imigrante como o meu, às vezes complexíssimos e ainda com um de aristocrático no meio. Seja como for, até hoje eu talvez não reconheça o ou a colega se o/a vir na rua, mas o nome eu sou capaz de repetir, inteirinho.

Na verdade, semana passada uma jovem veio falar comigo num evento, me dizendo que reconheceu meu nome no programa, por tê-lo ouvido em casa, e perguntou para sua mãe, na sequência se era eu mesma. A mãe lhe confirmou que sim, que eu era sua amiga do segundo grau e me mandou lembranças. Olhei para o crachá da menina e não reconheci o sobrenome. Fiquei em pânico, que momento para perder a memória, pensei comigo, até ela me dizer o nome da

mãe...sem o seu sobrenome de casada que era o que eu tinha lido. Aí, tudo ficou bom outra vez...Afinal, o nome da minha amiga eu sabia, nome e sobrenome. Seu marido, eu só conhecia pelo apelido dos tempos em que eles eram namorados.

Agora me ocorreu que, em tempos de reconhecimento facial, “fazer a chamada” para tomar presença em sala de aula pode ser visto como algo absolutamente obsoleto. No entanto talvez faça sentido para crianças/adolescentes ouvirem seu nome inteiro, prenome e sobrenome, da boca de uma pessoa não pertencente ao círculo familiar. Será que isto ajuda a formar identidade? Lembro-me de ter ouvido, num curso de como estabelecer relação numa conversa telefônica (quando se usava telefone para falar): “pergunte o nome ao interlocutor, poucas palavras são tão doces aos ouvidos de uma pessoa quanto seu próprio nome...”

As fotos que tirávamos com a classe toda, quando as encontramos, ajudam a reconhecer cada rostinho daquela época. Até as severas professoras, que achávamos muito velhas e que possivelmente tinham a metade da minha idade atual. Eu não me lembro do que acontecia na sala de aula nem no recreio, só das pessoas das fotos. Com essas, quando consigo, faço/mantenho contato. Recentemente estava numa reunião de trabalho com uma senhora 20 anos mais nova que eu. Conversa vai, conversa vem, descobrimos que fui colega de primário e ginásio de uma irmã de seu pai. Para provar que eu, de fato, me lembrava, enunciei nome e sobrenome, mais nome do pai e da mãe. E ainda contei do pai da senhora. Pode ser papo furado ou prova de boa memória (remota!) mas é uma forma de como as conversar fluem.

Desencadeada pelas memórias despertadas pelas fotos, me ocorreu que aos domingos de manhã ia com meu pai a concertos no Teatro Municipal. Época em que o centro de São Paulo era seguro, onde se podia passear. E recordei um desses momentos de volta do teatro, eu teria uns 10 ou 11 anos, em que eu estava usando um terninho cor de laranja (escolha de mamãe, claro), que hoje seria chamada tijolo e um casaquinho turquesa. Neste caso acho que a responsabilidade pela escolha era minha mesma. Papai tinha à época um Chevrolet dos anos 1950 (acho) que era verde abacate. Ele quis imortalizar o momento com uma foto. Meu irmão, sempre sincero e querendo me ajudar, comentou: “pena que a foto não seja a cores”.

Mais uma foto cuja lembrança me é muito dolorosa (mas que só refletia o amor dos meus pais pela filhota meio gauche) é de uma festa junina em que estou com óculos de armação grossa, cabelo escorrido, chapéu estilizado de “caipira”, com duas trancinhas absolutamente desencontradas com o cabelo da modelo. Muitas vezes tentei rasgar essa foto. Nesse caso, de verdade, espero nunca mais a ver. Não há autoestima que resista.

Em tempos de smartphone tudo é mais fácil. Há uns bons 10 anos mandei flores para uma amiga médica que agradeceu às gargalhadas, por telefone. Sua recepcionista estava muito orgulhosa por ter conseguido fazer uma selfie. Nota da tradutora: esta senhora, à época, achava que selfie era qualquer foto feita com o celular. Hoje, porém, posso me fotografar até ficar bom (diferente de 20 anos atrás quando se mandava revelar o filme de 12 a 24 poses, com a ressalva de pedir a revelação só das boas). Pior: quando acaba o espaço de armazenamento a máquina (no caso o celular) nos pede para deletar algumas coisas e cabe ao responsável pela máquina definir quais fotos ficarão para lembrar, ou fazer lembrar, e quais serão destruídas. Mesmo assim, não me parece que somos os donos de nossas memórias.

Será que tenho vontade de lembrar como eu era? Se eu era feliz, gostaria de voltar a ser. Se não, gostaria de me sentir orgulhosa de ter mudado. Ou...como diz ainda a letra da música tema deste texto, the way we were, pode ser que tudo fosse tão simples naquela época ou será que o tempo reescreveu cada linha? [1] Ou ainda, como dizia Belchior, o passado é uma roupa que não nos serve mais.

[1] Can it be that it was all so simple then
Or has time rewritten every line

Ana Maria Malik



QUANTAS MEMÓRIAS CABEM NUMA GAIOLA

Eu devia ter uns 8 ou 9 anos. A escola fez um passeio para o Parque da Água Branca. Saímos em dois ônibus. Acho que fomos ver alguma feira ligada aos animais, porque lembro que vi porcos, vacas e muitas galinhas. Na hora de ir embora, ganhamos uma “lembrancinha” do parque. Um pintinho amarelinho dentro de um saco de papel. Sim. Eles deram um pintinho vivo para cada criança levar pra casa!!! Tempos estranhos...

Chegando no ônibus, a menina que sentava ao meu lado - Margareth, lembro bem dela. Achava chique que ela já morava em apartamento e tinha “th” no nome... - me disse que não tinha espaço pra cuidar do pintinho em casa e pediu que eu criasse o dela junto com o meu. Resultado, cheguei em casa com a vida de dois pintinhos pra minha mãe resolver.

Nos fundos da nossa casa, vivia um tio que criava passarinhos. Ele até construiu um pequeno viveiro, mas a maioria vivia mesmo era em gaiolas e eu achava isso muito triste. Mas, uma dessas gaiolas foi a solução, ao menos temporária, para meus pintinhos.

Eu cuidava deles com carinho. Limpava, trocava a água, dava comida e conversava com eles. Só não conseguia diferenciá-los, eles eram muito iguais. Então eu assumi que um seria a fêmea e pinteí suas unhas de rosa. Dei-lhes os nomes Beth e Thiago (ambos com “th” em homenagem à Margareth).

Na volta da escola eu passava na quitanda e comprava quirela para alimentá-los. (Era uma delícia enfiar a mão naqueles sacos de grãos expostos nas mercearias de antigamente.)

E a Beth e o Thiago começaram a crescer... As peninhas, antes tão amarelinhas, começaram a desbotar e ficar esbranquiçadas. Ganharam pescoços e as pernas alongaram. Até que chegaram à altura da gaiola. A partir daí, como não podiam mais crescer, começaram a debater-se nas grades. Perdiam as penas, amanheciam feridos, porque brigavam por espaço. Eu queria soltá-los, mas minha mãe não deixava porque iam emporcalhar a casa...

Um dia, acordei e minha mãe disse que iríamos fazer uma visita ao Sítio do meu tio. Eu gostava muito de lá. Meus tios faziam festas juninas deliciosas com quadrilha, bolo e brincadeiras. Fora das festas eu me divertia no maravilhoso pé de jabuticaba que ficava dentro do galinheiro. Meu tio me colocava lá em cima e eu ficava comendo as frutinhas até me fartar... A surpresa é que dessa vez Beth e Thiago iriam com a gente. Eu até achei legal. Eles iam gostar de brincar com as outras galinhas e pintinhos. E assim foi. Soltamos os dois no galinheiro e foi uma felicidade só. Eles descobriram o que era ciscar, correr, bater asas...

No final do dia, quando fui buscar meus pintinhos pra voltarmos pra casa, minha mãe me disse que eles deveriam ficar. Que estavam muito felizes ali, que eles estavam virando galinhas adultas e que era muito triste vê-los trancados naquela gaiola. Lembrei dos pássaros do meu tio que viviam presos e com o coração partido mas com a promessa de que viríamos sempre visitá-los, eu acabei concordando.

Umas duas semanas depois, eu insisti com minha mãe que queria visitar Beth e Thiago. Voltamos ao sítio e mal pude acreditar no que eu vi: Em duas semanas eles ficaram enormes, branquinhos, com a crista vermelhinha e

bem gordinhos. Eram bem diferentes das outras galinhas que eram pequenas marrons e pretas. Me convenci de que a mudança tinha sido boa pra eles. Passei o dia brincando e comendo jabuticabas e voltamos pra casa.

Algum tempo depois, chegou o dia da festa junina. Voltamos ao sítio e eu fui correndo procurar Beth e Thiago. Vasculhei todo o galinheiro e nada das minhas galinhas branquinhas. O que me contaram é que eles encontraram um buraco na tela do galinheiro e que eles provavelmente haviam fugiram por lá. Mas a verdade é no dia da festa, serviram uma galinhada. E nesse dia eu não comi...

Eliana Bianco



O VERÃO QUENTE DO VAUXHALL VIVA

Quando abro o álbum daquele verão de 1975, sinto que entro novamente num país que ainda aprendia a respirar, e onde eu, criança, começava a descobrir o mundo. As primeiras fotografias são do São João do Porto, ainda sem o carro que mais tarde marcaria a viagem. Ali, a cidade fervia em sardinhas assadas, balões de papel que subiam como pequenas luas, fogos sobre o Douro, cheiros fortes que se misturavam ao riso. E havia também os martelinhos de plástico, que a minha priminha Cláudia manjava com uma alegria quase selvagem; eu aceitava cada pancada como um gesto de irmandade. Foi também ali, no meio do calor da multidão, que ouvi pela primeira vez a palavra *democracia*. Ela vinha das vozes dos partidos: PCP, PS, PPD, CDS, MRPP, até o Partido Monárquico. Todos recém-saídos da sombra, iluminando a noite com cartazes, discursos e cores inéditas.

Uma semana depois dessa explosão popular, meu pai e o tio Augusto foram à concessionária da Figueira da Foz para fechar o leasing do carro. E então entrou em cena o Vauxhall Viva marrom, quatro portas, placa DO-93-78, que meu pai adorava por começar com “DO”, de Douro, sua terra natal. O carro chegou como quem sabe que terá um papel importante. Estacionou na nossa história com uma serenidade antiga, de quem entende que as viagens também dependem de metáforas.

Com ele, seguimos para Fátima ao encontro da minha tia Eduarda, freira dominicana que comandava a cozinha do convento e do hotel que as freiras administravam para receber peregrinos. Depois para a Ademia (Coimbra), onde vivi dias de serenidade luminosa ao lado da minha prima Maria João. Ela sempre foi a ternura em pessoa: riso fácil, presença mansa, uma espécie de brisa que tornava as tardes mais leves. Com ela aprendi outro tipo de viagem, feita não de estradas, mas de pequenos gestos e afetos transparentes.

Da Ademia seguimos para a Galícia, a primeira travessia de fronteira da minha vida. Ali redescobri o gosto gasoso da Coca-Cola, bizarramente proibida em Portugal nos tempos de Salazar, substituída pelo Sumol. Aquela garrafa escura, gelada, efervescente parecia conter um mundo inteiro ainda por conhecer. Bebi devagar, como quem prova a modernidade.

Voltamos ao Porto pouco antes da chegada repentina do tio João, que vinha de Angola, onde servia até o último batalhão sair: o corpo médico. Ele trazia no rosto a distância, a guerra, a urgência de quem vive entre geografias tensas. Sua presença alterava a vibração da casa, como se Angola se sentasse à mesa conosco, respirando por ele.

Depois, partimos para o Alentejo. Fui acompanhado da Cristina, minha prima de olhar irônico e espírito revolucionário, uma verdadeira Mafalda do Quino, a mesma que ela tanto lia e citava. As estradas do Alentejo naquele verão eram mais do que caminhos: eram capítulos vivos da história recente. Bloqueios porque antigos agentes da PIDE haviam fugido; tanques do COPCON cruzando estradas à sua lentidão de aço; discussões sobre reforma agrária ecoando nos cafés e nas

esquinas. O calor comprimia o ar, e a Cristina, com seu humor sarcástico e politicamente afiado, ia decifrando tudo para mim — como se me traduzisse um país que ainda não sabia falar por completo.

Entre essas viagens, os primos Zé — o Zé das Cabritas — e Toné davam ao verão o ritmo da infância plena: correrias, descobertas, pequenas mitologias inventadas entre quintais e montes. Meus tios e tias eram presença constante, formando um círculo afetivo que só percebemos inteiro quando o vemos de longe: a Maria Jorge e o Abílio, pais da Cláudia; o tio Manuel, sempre pescando na Foz do Douro, figura de postal vivo; e tantos outros, compondo uma geografia familiar tão sólida quanto a do próprio país.

Quando o verão se encaminhava para o fim, fomos à vindima, na terra da minha avó Conceição, em Mesão Frio. Ali aprendi que a colheita tem o cheiro da terra molhada e o som de vozes que se entrelaçam. O Vauxhall Viva — marrom, paciente — parecia combinar com o Douro, com as uvas esmagadas, com a chuva leve que às vezes surgia entre as vinhas. Era como se tivesse sido feito para estar ali.

E então chegou outubro, com sua chuva insistente, e, com ele, o casamento do primo Fernando e da Olinda. O Viva ainda estava conosco, testemunha silenciosa da cerimônia, ainda com a pequena marca chamuscada no banco — lembrança da brasa de cigarro que meu pai deixara cair semanas antes, quase incendiando o carro e certamente incendiando nossa risada nervosa.

Quando fecho o álbum, percebo que aquele verão não é apenas uma sequência de eventos: é um organismo vivo que ainda pulsa hoje dentro de mim. O Vauxhall Viva, com sua placa DO-93-78, costura tudo. Não porque seja o centro, mas porque foi o veículo literal e simbólico de um tempo em que Portugal mudava, minha família se reencontrava e eu começava a formar a minha própria ideia de memória.

Naquele verão, aprendi a reconhecer rostos, geografias, palavras novas. Aprendi a reconhecer o país. E, talvez tenha aprendido também a me reconhecer.

Mario Aquino



INSCREVA-SE E RECEBA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES



MAGNETICA

